

ENTRE O SUJEITO GRAMATICAL E O SUJEITO DA PRÓPRIA HISTÓRIA: LETRAMENTO CRÍTICO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Juarez Nogueira Lins ¹
Cleuma Regina R. R. Lins ²

RESUMO

Na sociedade contemporânea faz-se necessário tratar criticamente o ensino, tornando-o um processo de reflexão, uma construção dialógico-crítica, pautada na realidade dos sujeitos, tornando-os sujeitos da própria história. E nesta perspectiva de constituir seres críticos e conscientes, objetivou-se discutir, o ensino de língua portuguesa, em especial, a categoria gramatical “sujeito” a partir das abordagens: tradicional, cultural e outras, observando a articulação destas, com a aprendizagem dos sujeitos alunos. Nesse sentido, neste artigo articularam-se: estudos gramaticais/culturais (NEVES, 2012; ANTUNES, 2012; HEINE, 2008; BAUMAN, 2005; HALL, 2006); estudos sobre letramentos (ROJO, 2012) e os pressupostos da pedagogia freiriana – o ensino dialógico e crítico (FREIRE, 1967, 1996, 2014). Tratou-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, com abordagem qualitativa. E os resultados enfatizaram que o ensino do “sujeito gramatical” acrítico-sólido-tradicional é incoerente frente à realidade dos sujeitos atuais, sendo imprescindível a sua articulação com outras formas de sujeitos.

Palavras-chave: Ensino de LP, Sujeito, Tradicional/Cultural, Sujeitos críticos

INTRODUÇÃO

Diante das incertezas e contradições da sociedade contemporânea faz-se necessário rever o ensino-aprendizagem, tornar esse processo mais reflexivo, capaz de propiciar aos sujeitos, múltiplas visões da realidade social, capaz de tornar esses sujeitos, construtores da sua própria história. Nessa perspectiva, esta pesquisa objetiva discutir, o ensino de língua portuguesa, em especial, a categoria gramatical “sujeito” (a partir das abordagens: tradicional, cultural, educacional e outras), observando a articulação destas, com a aprendizagem dos sujeitos alunos.

Nesse sentido, articularam-se as seguintes áreas: os estudos gramaticais/culturais (ALMEIDA, 2008; NEVES, 2012; ANTUNES, 2012; HEINE, 2008; BAUMAN, 2005;

¹ Doutor do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, junolins@yahoo.com.br;

² Mestra em Letras e professora da Escola de Ensino Superior do Agreste Paraibano - EESAP, cleumaribeiro@yahoo.com.br

HALL, 2006); estudos sobre letramentos (ROJO, 2012), os estudos discursivos (PÊCHEUX, 2001, ORLANDI, 2005, FOUCAULT) e os estudos da pedagogia freiriana – o ensino dialógico e crítico (FREIRE, 1996, 2014). Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa descritivo/analítica e bibliográfica, com abordagem qualitativa, cujos procedimentos se desenvolveram em algumas etapas: levantamento, leitura e sistematização; discussão teórica e análise e apresentação dos resultados.

As discussões realizadas enfatizaram os seguintes resultados: o sujeito gramatical constitui a solidez, as demais construções apresentam facetas adaptáveis às demandas sociais pós-modernas, líquidas, reflexivas, discursivas. Enfim, as diferentes abordagens sobre o conteúdo “sujeito”, permitem aos alunos (as) conhecer outras dimensões relevantes do sujeito: a social, a cultural a política e não apenas a gramatical, levando-os a se situarem identitariamente, na pós-modernidade, lugar onde os sujeitos assumem diversas identidades, em diferentes momentos sociohistóricos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritivo/analítico e bibliográfica, com abordagem qualitativa – aquela que objetiva aprofundar o mundo dos significados das relações humanas (MINAYO, 1997), a exemplo da categoria de sujeito, o objeto deste estudo. Os instrumentos de pesquisa foram obras técnicas e didáticas (gramáticas, textos teóricos, artigos). Os procedimentos metodológicos desenvolveram-se a partir de três etapas: (a) leituras para discutir o ensino do sujeito gramatical; (b) Leituras de diferentes teorias que abordam a questão do sujeito; (c) apresentação, análise e resultados de atividade didática articulando as diferentes concepções de sujeito.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os pressupostos teóricos que subsidiaram a pesquisa envolveram Estudos Gramaticais, Estudos do Letramento, Estudos Discursivos, Estudos Culturais e os Estudos Pedagógicos. Na perspectiva da Gramática tradicional, autores como Almeida (2009), Rocha Lima (1967), Cegalla (2006), Sacconi (2010) apresentam conceitos semelhantes, no que diz respeito à categorização do sujeito. Apresentamos aqui, um conceito desenvolvido por Almeida:

“Se o sujeito de um verbo é a pessoa ou coisa sobre a qual se faz alguma declaração, é evidente que o sujeito deve ser constituído de substantivo, pois esta classe de palavras cabe, nomear as pessoas e as coisa. [...] mas pode deixar de ser substantivo essencial, para ser virtual – palavra, frase ou oração, com força de substantivo”. (2009, p. 410).

Este conceito, apresentado por Almeida, corresponde às seguintes definições, bastante usuais em outras gramáticas e manuais didáticos: “o ser de quem se diz algo” ou “é o ser ao qual se atribui a ideia contida no predicado. Para além dessas concepções de sujeitos gramaticais há outras concepções, formas de ver e entender o sujeito, que podem viabilizar o estudo mais produtivo desta categoria gramatical.

Na perspectiva dos Estudos do Letramento, por exemplo, os alunos (as), para se tornarem sujeitos de suas ações, de sua história, devem desenvolver não apenas as habilidades de leitura e de escrita, mas utilizar leitura e escrita nas mais diferentes demandas sociais (Soares, 2007). Trata-se do uso social, da categorial gramatical de sujeito.

Na perspectiva dos Estudos Discursivos, que vê a língua enquanto espaço de produção de sentidos, o sujeito encontra-se articulado a história e a ideologia. Nesse sentido, o sujeito situa-se historicamente, ocupa um espaço social e apresenta visões de mundo de um determinado grupo social. O sujeito, nessa perspectiva não é o centro do seu dizer (PÊCHEUX, 2001) e, constituído na interação social, é polifônico, constitui-se de uma heterogeneidade de discursos.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, dois autores discutem a contemporaneidade, sob a perspectiva identitária: Stuart Hall (2006) e as identidades pós-modernas e, sujeitos pós-modernos. E Zigmunt Bauman (2005), que na mesma perspectiva, mas com diferente conceito, traz a sociedade líquida e os seus sujeitos líquidos. Ambos discorrem sobre as mudanças que atingem a nossa sociedade contemporânea. Na visão de Hall, na sociedade pós-moderna,

“(...)as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado...” (p. 09).

E apresenta três tipos de sujeitos: o sujeito iluminista, estável, unificado; o sujeito sociológico, em processo de interação e, o sujeito pós-moderno, fragmentado e

contraditório. Trilhando outros caminhos, mas ciente da instabilidade, incerteza e fragmentação – que atinge o sujeito e sua (s) identidade (s), Bauman (2005) traz as identidades líquidas e os sujeitos líquidos, em constante mutação e assujeitados ao mercado.

O futuro sempre foi incerto, mas seu caráter inconstante e volátil nunca pareceu tão inextricável como no líquido mundo moderno da força de trabalho “flexível”, dos frágeis vínculos entre os seres humanos, dos humores fluidos, das ameaças flutuantes e do incontrolável cortejo de perigos camaleônicos” (p. 74).

Não bastasse esse sujeito inconstante, o autor enfatiza os sujeitos-consumidores e os sujeitos-mercadorias, faces de uma mesma moeda ao sabor do mercado, da ótica capitalista que os transformam em sujeitos em “compradores de produtos descartáveis”, e também, em produtos descartáveis.

Somos consumidores numa sociedade de consumo. A sociedade de consumo é a sociedade do mercado. Todos estamos dentro e no mercado, ao mesmo tempo clientes e mercadorias. (BAUMAN, 2005, p. 98).

Eis o retrato da Modernidade líquida, em oposição a modernidade sólida, tempo em que o mundo, as pessoas e instituições tinham suas certezas e buscavam a ordem e a firmeza. Hoje, o que caracteriza o mundo líquido são as incertezas, as mudanças rápidas e imprevisíveis, as pessoas-mercadorias, a fluidez, a busca individual pelo sucesso, o movimento, a competição.

Já Freire (2000), do ponto de vista educacional, vê o sujeito crítico, o sujeito da aprendizagem e do conhecimento, aquele que valoriza a sua relação com o mundo exterior mediada por sua linguagem. Sujeito capaz de questionar a realidade e estruturar um novo conhecimento. Um sujeito que toma consciência das relações de opressão e age, para transformá-las, constitui assim, a partir da leitura crítica, leitura da escola atrelada a leitura do mundo, uma ação transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para explorar o estudo do “sujeito” nas diferentes abordagens, foram utilizados 01 fragmento de texto (Quadro 01) exemplificando a forma utilizada por gramáticas e



manuais didáticos de Língua Portuguesa, quando realizam o estudo do sujeito. E, utilizando o gênero textual (letra de canção) conforme orientação dos PCN (1998) e BNCC (2018). Seguem os resultados e discussões.

QUADRO 01- Fragmento de Texto

Lendo o seguinte enunciado:

O vaqueiro lavou o cavalo, do fazendeiro, no riacho.

Questões:

1. Quem é o sujeito da oração? Classifique-o.
2. Quem é o vaqueiro? *Historicamente, culturalmente;*
3. Quem é o fazendeiro? *Historicamente, culturalmente;*
4. Que relações *históricas, discursivas e culturais* se estabelecem. Que identidades são atribuídas?

Fonte: autores (as) – SET/2021.

A primeira questão contemplaria o ensino da metalinguagem. E, sem muito esforço e reflexão, o aluno (a) responderia que o sujeito da oração seria “O vaqueiro” e o classificaria como sujeito simples. Eis o sujeito gramatical, definido e classificado. No entanto, qual a relação desse sujeito com a história, com a vida. Mesmo tratando-se de um fragmento de texto, descontextualizado, pode-se indagar, criticamente. Parafraseando Freire (1967), mais importante do que classificar o sujeito é, saber o que ele representa socialmente, por que ele precisa lavar o cavalo do fazendeiro; se ele é realmente um sujeito, do ponto de vista social. Segue, no Quadro 02, a formulação de questões/questionamentos que poderiam ampliar o conceito de sujeito, durante a aula de língua portuguesa.

QUADRO 02 – Questões a partir do fragmento (com outras abordagens sobre o sujeito)

Na oração “O vaqueiro lavou o cavalo, do fazendeiro, no riacho”, identifique e classifique o sujeito.

1. Nessa oração é possível saber quem é o vaqueiro, quem é o fazendeiro, por que um lava o cavalo do outro? Por que o fazendeiro não lava seu próprio cavalo?
2. Na vida real, o sujeito que age, que trabalha deve ser considerado importante, na sociedade?
3. Se fosse possível escolher, você seria o vaqueiro ou o fazendeiro? Por que?
4. Quem desses dois sujeitos (o vaqueiro e o fazendeiro) contribui mais para a sociedade?
5. Por que um deles é mais valorizado do que o outro, pela sociedade?
6. Que qualidades você atribui a cada um desses sujeitos? E por que?
7. Nas letras das canções, nos aboios, nas vaquejadas, quem é considerado mais importante, e por que?



8. É possível que o vaqueiro possa ser fazendeiro e este, possa ser vaqueiro?

Fonte: autores (as) – SET/2021.

As questões colocadas abrem um leque de possibilidades para discutir a relação entre o mundo e os conteúdos da escola, entre os sujeitos sociais (alunos, alunas, professora, professor) em confronto com o sujeito gramatical. Discutir o lugar que cada sujeito ocupa socialmente e, tendo em vista que o sujeito é constituído pela linguagem (PÊCHEUX, 2001) questionar: que identidades foram atribuídas, quem as atribuiu e por quê? A partir de que lugar? Sobressaem-se visões de mundos, ideologias, o sujeito se articula à ideologia e esta, por sua vez, explicita a relação desse sujeito com o mundo. Outras reflexões caberiam – que papel as identidades atribuídas aos sujeitos exercem na sociedade pós-moderna, fragmentada (HALL, 2006). São identidades constituídas sólidas, unas? Ou identidades líquidas? Se as reflexões sobre o sujeito em frases descontextualizadas são possíveis, podem se tornar mais produtivas em gêneros textuais ou, parte destes. No Quadro 03 apresentam-se dois fragmentos, de duas canções conhecidas:

QUADRO 03 – Fragmentos de letras de canção

| 01 Admirável Chip Novo – Pitty | 02 – O quereres – Caetano Veloso |
|---|--|
| Pane no sistema, alguém me desconfigurou Onde estão meus olhos de robô? Eu não sabia, eu não tinha percebido Eu sempre achei que era vivo Parafuso e fluído em lugar de articulação Até achava que aqui batia um coração Nada é orgânico, é tudo programado Pense, fale, compre, beba Leia, vote, não se esqueça Use, seja, ouça, diga Tenha, more, gaste e viva [...]. (2003) | Onde queres revólver, sou coqueiro E onde queres dinheiro, sou paixão Onde queres descanso, sou desejo E onde sou só desejo, queres não E onde não queres nada, nada falta E onde voas bem alta, eu sou o chão E onde pisas o chão, minha alma salta E ganha liberdade na amplidão. (1984). |

Fonte: autores (as) – SET/2021.

As duas letras (fragmentos) separadas por quase 20 anos discutem os sujeitos pós-moderno ou líquido – seres instáveis, contraditórios, descentrados, descartáveis e consumistas como asseveram (HALL, 2006 e BAUMAN, 2005), teóricos, respectivamente, da fragmentação e liquidez dos sujeitos contemporâneos. Sem fragmentar o texto em frases, podemos discutir o (s) sujeito (s). Começemos pelos sujeitos-autores, aqueles que na visão de Foucault (2010), assumem o dizer – Pitty e



Caetano. Quem são esses sujeitos? Por que enunciam dessa forma e não de outra? Que outras vozes estão presentes nesses discursos? Que discursos estão presentes, nos discursos artísticos. Quem são os sujeitos presentes no texto? Quem os constituiu? O que representam socialmente? Do ponto de vista gramatical, como poderíamos classificá-los? Discursivamente, estas indagações contribuem para o desvelamento dos discursos presentes no texto (gêneros textuais). Os sujeitos-artísticos – Pitty e Caetano – historicamente e ideologicamente situados – enunciam dizeres que representam uma sociedade instável, fragmentada e contraditória (HALL, 2006).

Nos fragmentos 01 e 02 a classificação respectiva em sujeitos simples/oculto “eu, ele/ela e tu”, diz pouco sobre os contextos social, histórico e cultural. lugar em que se inserem “os sujeitos”. Apenas reafirma a solidez gramatical, a estabilidade, um ideal de completude, uma ilusão de controlar o dizer (ORLADI, 2005). O ser que pratica as ações: não falar, sempre achar, até saber, que ele/ela pense, fale, compre, tu queres, voas, pisas... No entanto, os sujeitos presentes nesses dois fragmentos representam os sujeitos sociais, contemporâneos, situados socialmente e ideologicamente e suas incertezas, seus medos, suas contradições.

A leitura das canções, permite vislumbrar sujeitos que interpretar o mundo enquanto um local social e histórico (KLEIMAN, 1995), ou seja, eles efetuam o (re) conhecimento da realidade social. E a partir daí os sujeitos-leitores, aqueles que não apenas decodificam, mas usam socialmente, a leitura/escrita (SOARES, 2007) começam a fazer suas próprias conexões com os seus mundos. Tornam, assim, na perspectiva de Freire (1967, 1996) o sujeito do diálogo, ser histórico, consciente e crítico. Aqueles que percebem as situações de opressão e buscam caminhos para que ele e para os “outros” encontrem a libertação. É sempre um sujeito relacional, dialógico e não o sujeito individual. No quadro abaixo, apresentamos uma breve síntese dos sujeitos e suas representações nas diferentes abordagens teóricas.

QUADRO 04 – O Sujeito em diferentes abordagens – Síntese

| Abordagens | Representações |
|-----------------------|---|
| Estudos gramaticais | <i>Representa a solidez do sujeito, ainda uno, dono de si e independente das articulações com o outro (o mundo). Que acredita no ideal de completude.</i> |
| Estudos do letramento | <i>Sujeitos que realizam usos sociais da leitura e da escrita para interpretar o mundo socialmente e historicamente.</i> |

| | |
|---------------------|---|
| Estudos culturais | <i>O sujeito fragmentado, líquido, contaditório, sem muitas certezas. Constituem-se na relação com o outro.</i> |
| Estudos discursivos | <i>Sujeito heterogêneo, descentralizado, histórico e ideologicamente situado. Não é dono do seu dizer.</i> |
| Estudos freirianos | <i>O sujeito que busca, enquanto ser coletivo, libertar-se das formas de opressão, através da consciência crítica e do diálogo.</i> |

Fonte: autores (as) – SET/2021.

Confrontando os tipos de sujeitos, apresentados no Quadro 04, percebemos um distanciamento entre a primeira categoria, o sujeito gramatical, e as demais. Enquanto nos estudos gramaticais o sujeito apresenta a ideia de unidade, de estabilidade de centralização, e homogeneidade – representação do sujeito iluminista de Hall (2006) – as outras categorias constituem sujeitos fragmentados, instáveis, descentrados, diversos, em consonância com a realidade social, contemporânea – pós-moderna ou líquida. Desse modo, acreditamos que o estudo da categoria gramatical “sujeito” e suas respectivas classificações, não contempla os sujeitos-alunos (as) atuais – heterogêneos, contraditórios, descentrados e, principalmente, detentores de múltiplas identidades cambiantes.

Por fim, esclarecemos que o nosso objetivo não foi “satanizar” qualquer tipo de ensino ou abordagens de conteúdos, na área de língua portuguesa, mas deixar claro que apenas a abordagem tradicional não contempla mais a multiplicidade dos sujeitos e de suas ações, na sociedade atual – informacional, tecnológica, consumista, desumana e desigual. Hoje, se faz necessário que os sujeitos diante das injustiças dessa realidade, muitas vezes, opressiva, possam refletir criticamente sobre as suas práticas sociais, e compreender, como diria Freire (1996), o seu lugar nas realidades sociais. As “novas” formas de abordagens do sujeito, articuladas ao sujeito gramatical, podem desenvolver, nos educandos, a capacidade de questionar o mundo com fundamento e discernimento, intervindo e combatendo as situações de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da categoria “sujeito” como se observou, pode contemplar outros aspectos, além da realidade estritamente gramatical, aquela que comumente a denomina “o ser que pratica uma ação”. Esta concepção de sujeito ao longo das discussões se

apresentou enquanto uma idealização de um ser humano, sem a concretude necessária para inserir os sujeitos-alunos em uma determinada realidade social, extrapolando assim, os limites da gramática.

Ser sujeito, para além do gramatical, significa constituir-se e ser constituído pelo outro, ou seja, o sujeito é uma construção social e coletiva, uma construção situada historicamente. Ser sujeito significa contestar a palavra, as realidades construídas, a história. E após contestar, reconstruí-las, ressignificá-las, trazendo novas palavras, erigindo novas realidades, construindo novas histórias. É constituir-se em vários sujeitos, quando apenas o sujeito gramatical, incoerente frente à realidade dos sujeitos atuais, não contempla as demandas sociais da contemporaneidade. É imprescindível, portanto, sua articulação com outras formas de sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. São Paulo Saraiva.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005).

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática Da Língua Portuguesa**. 46^o ed., São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves. 2007. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a uma prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. **Educação e mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GERALDI, João Wanderely. **Concepções de linguagem e ensino de Português**. Cascavel: Assoeste, 1985.

_____. **Linguagem e ensino**. Campinas. Mercado das Letras, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural, na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&M, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 6ª reimpressão. Campinas: Mercado da Letras, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: conhecimento e ensino**. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 52-73.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. **Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. Nem escritor, nem sujeito: apenas autor**. In: *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática Teoria e Prática**. 18ª ed. Saraiva, São Paulo, 1994.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.